

2. A Respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972) ¹

Apresentação (1995)

Hugues de Varine ²

Minhas lembranças da aventura de Santiago

Em 1971, o ICOM realizou na França uma Conferência Geral que traria modificações substanciais ao conteúdo e à forma da cooperação internacional entre os museus: revisão dos estatutos e da definição de museu, afirmação da importância do meio ambiente na vocação dos museus, surgimento da dimensão "política" no conceito de *museu* etc. Em Grenoble, a intervenção de Mario Vázquez, do México, questionando o papel do Museu na sociedade, provocou sensação.

Nesse mesmo ano, a Unesco solicitou ao ICOM colaboração na organização, para o ano seguinte, de uma mesa-redonda sobre o papel dos museus na América Latina contemporânea. Esta mesa-redonda se inscrevia em uma sucessão de Seminários regionais semelhantes, os últimos dos quais ocorreram no Rio de Janeiro (1958), em Jos (Nigéria, 1964) e em Nova Déli (1966).

Desde o início, nos pareceu evidente que não seria possível repetir o modelo de organização das reuniões precedentes, nas quais um grupo de especialistas museólogos, majoritariamente europeus ou norte-americanos, falava de maneira mais ou menos dogmática, em francês ou inglês, aos "colegas" locais. A América Latina de 1972 eram os grandes museus do México, de Cuba, do Brasil, da Argentina, que não tinham lições a receber. De outra parte, era um continente que não falava nem francês nem inglês.

Tivemos então a ideia de organizar um Encontro onde a única língua de comunicação seria o espanhol (os brasileiros, supostamente, se arranjariam em "portunhol"), no qual os especialistas convidados seriam todos latino-americanos. Como os participantes seriam eles

¹ Evento realizado em Santiago do Chile, 1972.

² Tradução de Marcelo Mattos Araujo e Maria Cristina Oliveira Bruno.

mesmos museólogos de alta reputação, nos pareceu inútil prever intervenções de outros museólogos.

Eu estava, naquele momento, criando na França uma ONG internacional denominada Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (Institut Oecuménique pour le Développement des Peuples - Inodep), cuja presidência seria confiada a Paulo Freire, então consultor para educação do Conselho Ecumênico das Igrejas, em Genebra. Por que não lhe entregar a direção da Mesa-Redonda que deveria se realizar em Santiago, então sob o regime da Unidade Popular, que Paulo Freire conhecia tão bem? Ele aceitou imediatamente a sugestão de transpor suas ideias de educador em linguagem museológica: eu posso mesmo dizer que isso lhe agradou. Infelizmente, o delegado brasileiro junto à Unesco se opôs formalmente à designação de Paulo Freire, evidentemente, por razões puramente políticas.

Tivemos de retomar nossa pesquisa e finalmente constituímos um grupo de quatro intervenientes-animadores, todos latino-americanos, cada um encarregado de um setor chave do desenvolvimento: um peruano (Educação), um panamenho (Agricultura) e dois argentinos (Meio Ambiente e Urbanismo). Foi o especialista em Urbanismo, Jorge Enrique Hardoy, então Diretor do Instituto Torcuato di Tella de Buenos Aires, que provocou a revolução nos espíritos. Eu não o conhecia: ele nos foi recomendado por colegas da Unesco como excelente especialista de cidades, sobretudo de grandes metrópoles, que vinha estudando no plano internacional. Eu o encontrei pela primeira vez quando cheguei a Santiago.

Ele falou durante dois dias na Mesa-Redonda, antes de retornar a seu país. Falou sem anotações, com um quadro-negro e um giz. Esses dois dias foram suficientes: os museólogos latino-americanos presentes, em número de doze, funcionários importantes, representando os maiores museus de seus respectivos países, tomaram consciência de que não conheciam as cidades onde viviam, onde trabalhavam, onde haviam educado seus filhos. Profissionais competentes nas suas especialidades, eles haviam ficado (mesmo Mario Vázquez) à margem da realidade da explosão urbana que havia ocorrido durante as duas últimas décadas. Eles eram incapazes de se projetar no futuro para imaginar o que iria se passar, e que necessidades culturais e sociais teriam as populações imensas e, geralmente, muito pobres. Em Bogotá, como em Quito, eles estavam "sentados" sobre toneladas de ouro pré-colombiano; no Brasil ou na Argentina, eles eram responsáveis pelas coleções de Belas Artes ou

de espécimes científicos; no México, o público era constituído mais por turistas "gringos" que por índios, cuja herança se apresentava nas salas.

Durante uma semana, depois da partida de Jorge Hardoy e após as intervenções esclarecedoras dos três outros especialistas, que lhes forneceram mais elementos de apreciação sobre o mundo urbano e o mundo rural, sobre o meio ambiente e sobre a juventude, os participantes imaginaram em conjunto, em espanhol, o conceito de *museu integral*, que eles desenvolveram nas resoluções tornadas célebres: aquelas dos dias 30 e 31 de maio de 1972, ditas "Declaração de Santiago".

O essencial da mensagem de Santiago

Quando relemos, hoje, os textos de Santiago, percebemos que eles, evidentemente, envelheceram, tanto na forma como no conteúdo. Mas é sempre possível reencontrar seu sentido verdadeiramente inovador, senão revolucionário.

O que existe de mais inovador, a meu ver, fora do contexto da época, são sobretudo duas noções que aparecem melhor, embora às vezes mal colocadas, nas "considerações" das resoluções, e não nelas mesmas:

- aquela de *museu integral*, isto é, que leva em consideração a totalidade dos problemas da sociedade;
- aquela do museu como *ação*, isto é, instrumento dinâmico de mudança social.

Dessa forma se esquecia aquilo que se havia constituído, durante mais de dois séculos, na mais clara vocação do museu: a missão da coleta e da conservação. Chegou-se, em oposição, a um conceito de *patrimônio global a ser gerenciado* no interesse do homem e de todos os homens.

O que aconteceu desde Santiago?

Nos grandes museus da América Latina não mudou muita coisa. As coleções nacionais e suas instituições imitam, mais ou menos, os estilos museológicos em vigor no mundo industrializado. Os imperativos turísticos, os gostos das oligarquias do poder e do dinheiro ainda são a

norma. A maioria dos participantes de Santiago não pôde implementar as resoluções adotadas. Além disso, os sobreviventes, como eu, estão 23 anos mais velhos...

Experiências foram e ainda são feitas na própria América: a "Casa del Museo", no México, que malogrou, mas cujas lições foram analisadas e compreendidas; os museus comunitários locais e escolares no México; os museus comunitários, algumas vezes denominados ecomuseus³ no Brasil etc. Não conheço muito bem o que se passou em outras regiões.

No resto do mundo, o impacto de Santiago foi considerável, mas tardio: até o início da década de 1980, ninguém falava de Santiago. O *museu integral* era esquecido, a não ser por seus autores e pelo grupo de fundadores do Museu da Comunidade do Creusot Montceau (Musée de la Communauté Le Creusot Montceau). Depois, progressivamente, o efeito de modernização foi reforçado pelas Conferências Gerais do ICOM de 1971 e 1974 (nesta última, como naquela de 1986 na Argentina, Jorge Hardoy foi convidado a falar). Os ecomuseus "de desenvolvimento" na França, em Portugal, no Quebec, na Suécia e na Noruega são os herdeiros diretos de Santiago. O Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom) e seus sucessivos ateliês internacionais a ele se referem explicitamente, da mesma forma que as Declarações de Quebec, Lisboa e Oaxaca. Um "tratado da Nova Museologia" está em vias de aparecer na Índia. Ainda mais impressionante, um primeiro Museu comunitário acaba de nascer nos Estados Unidos (em uma comunidade indígena), e os ecomuseus (no sentido de Museu Integral) serão objeto de um ateliê da Associação Americana de Museus, na Filadélfia, em 1995.

Enfim, como iniciativa da Unesco, o Encontro de Caracas, em 1992, partindo de métodos renovados, mas com o mesmo espírito, permitiu rejuvenescer a doutrina de Santiago, desenvolvê-la e retomá-la junto a uma nova geração de museólogos.

Além de Santiago

Se colocarmos à parte os museus "oficiais", aqueles que chamamos na França "museus de arte e de história", que surgiram no século XIX

3 O Ecomuseu é uma outra história, sem nenhuma ligação com aquela de Santiago, ainda que reflita a mesma evolução do conceito de museu, de maneira mais confusa.

e seguem as modas estéticas e intelectuais do momento, e também os grandes museus científicos de dimensão ao menos nacional, os museus de hoje vivem dois fenômenos que estavam no embrião do movimento de Santiago:

- o nascimento de museologias nacionais "incultas", ilustrado pela multiplicação de formações universitárias em Museologia, e de grupos locais de "jovens museólogos" (algumas vezes não tão jovens!);
- a multiplicação de museus locais, devida à iniciativa comunitária, sem especialização disciplinar, e muitas vezes sem muito profissionalismo, mas levando em consideração a identidade e os projetos de um território e de sua população.

A noção de Museu como *instrumento de desenvolvimento*, desconhecida antes de 1972, é agora largamente formulada e admitida. O mesmo ocorre com a noção de *função social* do museu. E também com a de *responsabilidade política* do museólogo.

Em alguns países, as antologias aparecem, retomando antigos textos sobre o que agora denomina-se, correntemente, como a "Nova Museologia": França, Noruega, México, Suécia, Índia etc. Descobre-se que antecedentes existiram, reencontram-se os textos fundadores de John Kinard, criador do Museu de Vizinhança de Anacostia, em Washington (Anacostia Neighborhood Museum), ou de Duncan Cameron.

Enfim, a doutrina de Santiago, renovada pela Declaração de Caracas, amplia-se até incorporar a utilização do patrimônio natural e cultural, mesmo fora do âmbito dos museus. A ideia do território como Museu faz seu caminho, seja em Seixal (Portugal), seja em Santa Cruz (Rio de Janeiro) ou Molinos (Aragão, Espanha).

No momento em que se fala não somente de teologia da libertação, mas de filosofia da libertação, o Museu está pronto para desempenhar seu papel libertador das forças criativas da sociedade, para a qual o patrimônio não é mais somente um objeto de deleite, mas antes de tudo uma fonte maior de desenvolvimento.